



“Escrever foi sempre uma necessidade”



Em Abril de 2011, Manuela de Azevedo concedeu uma entrevista ao Correio do Ribatejo. Completaria, meses depois, 100 anos de vida. Com uma memória prodigiosa, continua apaixonada pela escrita. O ar frágil esconde uma força interior que a catapultou para a vida. “Escrever foi sempre uma necessidade”, disse ao Correio do Ribatejo no dia em que nos abriu as portas de sua casa, em Lisboa. Em sua homenagem, recuperamos hoje um excerto da longa entrevista que publicámos há quatro anos, numa edição comemorativa do 120.º aniversário deste Jornal.

Manuela de Azevedo ficará na história do jornalismo português como a primeira mulher a exercer a profissão no nosso país. Quando despertou em si esse interesse?

O meu pai era correspondente do Século, republicano, proclamado benemérito da Pátria, eu fui educada naquele ambiente de liberdade possível. Eu recebia o jornal com grande sofreguidão, o Século tinha uma enorme circulação na província. Achava muita graça a expressões como “os jornalistas foram recebidos pelo senhor ministro”. Tinha treze anos e aquilo para mim era como se os jornalistas fossem ministros também.

Não havia mais mulheres no jornalismo, em finais dos anos 20?

Não havia mais nenhuma.

Foi chefe de redacção da ‘Vida Mundial’, mas depressa preferiu os jornais diários aos semanários. Foi então que ingressou no República. Lembra-se do primeiro artigo que escreveu no jornal?

Escrevi-o à mão e intitulei-o “Matar por piedade”. Já não me recordo bem do texto, mas era a defesa da eutanásia, de matar por piedade, com todas as reservas científicas e todos os cuidados contra a morte por ambição. Hoje continuo a ser a favor da eutanásia. A censura suspendeu o texto. O director do jornal enviou-me de volta o artigo cortado com o lápis azul e com o carimbo de suspenso e disse-me: “Mande mais”. Mandei um segundo artigo sobre a crise na sociedade das nações, tinha 22 anos nessa altura. A censura cortou-o também, o que mereceu a atenção do chefe de redacção do jornal que me aconselhou a continuar.

Como foram os primeiros dias no jornal?

Estive um ano no República. Criaram-me uma secção só para mim denominada “A Tribuna da Mulher”. Quando vi o meu artigo publicado nessa secção disse que não publicava mais nada no jornal por considerar que não podia haver tribunas de mulheres ou de homens, apenas jornalistas. Assim, acabaram com a secção.

Como se define como mulher?

Fui criada para ser uma dona de casa. Aprendi música, violino, piano aos sete anos, em Lamego, aprendi a bordar, a pintar, a cozinhar com as criadas orientadas por minha mãe. Fiz vestidos sem nunca ter ido à costureira, apenas por instinto, por gosto. Recebi uma educação para ser uma boa dona de casa, no entanto, a vida puxou-me para outros assuntos.

Manuela Azevedo considera-se uma mulher à frente do seu tempo?

Não. Nunca tive essa preocupação, sou uma mulher como as outras, nunca fui ambiciosa.

Em relação à escrita prefere definir-se como uma escritora ou como jornalista?

Eu penso que é o mesmo, mas tenho uma certeza: comecei como poeta. Em Tondela havia um jornal [Folha de Tondela] que publicava muitos versos meus e chegou a publicar um número especial sobre mim, uma aluna do liceu de Viseu que fazia versos. A minha tendência inicial foi para a poesia, depois a vida encaminhou-me para o jornalismo e a ele devo a projecção do meu nome.

Aos 22 anos lança o livro de poemas ‘Claridade’, com prefácio de Aquilino Ribeiro. Era a ‘claridade’ que faltava à sociedade portuguesa da época?

Não, esse livro não era político. A claridade era o meu coração. Era a sinceridade da minha natureza. Tinha 22 anos e sido criada com uma certa independência. Recordo-me bem, o meu pai levou-me de carro a Moimenta da Beira, a casa de Aquilino Ribeiro, para que ele prefaciasse o livro.

Foi-lhe dada a possibilidade de entrevistar o ex-rei Humberto de Itália que se exilara em Portugal. Para o conseguir é verdade que se fez passar por criada?

Sim. Fiz-me passar por criada de servir para chegar até ele e o entrevistar, o que tentei durante três dias, mas em vão. Ao quarto dia, apanhei-o à entrada da casa, disse-lhe que estava há quatro dias a fazer-me passar por criada mas que era jornalista. Ele riu-se e mandou-me marcar a entrevista.

O facto de ter integrado o ‘grupo dos saneados’ do Diário de Notícias, logo após o 25 de Abril, marcou-a de alguma forma?

Quando fui para o Diário de Notícias disseram ao Augusto de Castro [director]: “você meteu lá aquela comunistinha, mas vai ver que se arrepende”, ao que ele respondeu: “Ela é da oposição, mas não é comunista!”.

Não era?

Não era comunista na verdade. Eu sou socialista, antes de o ser já o era, mas o jornal foi dominado por eles [comunistas]. Ainda fiz lá uma sessão de esclarecimento e uma das convidadas foi Sofia de Melo Breyner. Vi textos de Mário Soares, do Zenha a serem cortados e a tiragem do jornal a descer dos 50 mil exemplares que tirava antes do 25 de Abril e a passar para os 20 mil. Assinei um protesto contra a ideologia que estava a predominar no jornal e foi depois disso que sanearam todos os que assinaram esse documento.

Considera-se uma opositora ao regime?

Com certeza, muito claramente. Era considerada uma pessoa de esquerda.

A Manuela de Azevedo é contra ou a favor do acordo ortográfico?

Não me fale do acordo ortográfico! Já vi Camões escrito com um ‘k’! (risos). Não sou adepta do novo acordo. A língua tem evoluído em muitos sentidos, agora este disparate, sem atender às raízes, de maneira nenhuma. Na nossa língua entra o árabe, o grego, o latim, não posso defender esse acordo, não o aceito.

Utiliza o computador para escrever?

Escrevo sempre à mão e depressa. Tive três máquinas de escrever mas nunca as utilizei. Prefiro reunir tudo na cabeça e depois escrever, uma ou duas horas, em qualquer parte do dia. No Diário de Notícias cheguei a trabalhar 16 horas por dia. Deixava o jornal, vinha para casa trabalhar nesta secretaria e só acabava de madrugada quando já não podia mais. Há um jornalista açoriano do Diário de Lisboa que fez um artigo sobre a minha personalidade e que diz que sou incansável. Ao fim do dia quando punha a cabeça sobre as mãos, caída sobre a secretaria, parecia que estava cansada e que o dia tinha acabado ali, mas, de repente, o telefone tocava, levantava a cabeça e recomeçava. É ainda a imagem que os outros têm de mim.

O acto de escrever, para si, é ainda um acto diário?

É uma necessidade. Foi sempre.

Há diferenças no jornalismo de ontem e no de hoje?

O jornalista está hoje muito mais bem apetrechado do que estava no meu tempo. Bem, este tempo ainda é o meu tempo, [emenda, com um sorriso] mas em 1935 iam desaguar ao jornalismo todos os que fracassavam noutras profissões. Havia padeiros que ingressavam como repórteres, havia tipógrafos, médicos, advogados que iam desaguar ao jornalismo, empiricamente. Hoje não. Hoje vejo jovens a levantar problemas na rádio e nos jornais com um desassombro e conhecimento dos temas.

O que aconselha a um jovem que queira seguir jornalismo?

A ser verdadeiro. Uma coisa que me disse o fundador do Diário de Lisboa, Joaquim Manso, quando eu para lá fui: “Liberdade máxima e responsabilidade máxima”. É o que eu penso que se pede ao jornalismo, ontem, hoje e sempre.

***Texto publicado em edição impressa de 04 Setembro**

Adicionado a 9 Setembro 2015